

Resenha

Capitalismo em tempo de globalização: a perspectiva de István Mészáros

Raffaele Laudani*

Livro

Mészáros, István. *Para Além do Capital. Rumo a uma teoria da transição*. Tradução Paulo Cesar Castanheira e Sergio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2002. 1102 p.

As diretrizes da filosofia política de Mészáros delinearam-se, a partir dos anos setenta, com a publicação quase contemporânea à de *Marx's Theory of Alienation* (London: Merlin Press, 1970) e *The Necessity of Social Control* (London: Merlin Press, 1971). Se com o volume sobre Marx o filósofo húngaro acreditou ter se aproximado do grande público, como um intérprete refinado do marxismo humanístico; com a segunda contribuição Mészáros procura indagar sobre as consequências sociais e teóricas do avanço violento e arrebatador do desemprego crônico e do risco ecológico até mesmo nas sociedades tecnológicas avançadas. *Além do Capital*, fruto de outros vinte e cinco anos de trabalho, representa de uma certa maneira a síntese destas duas contribuições anteriores. Com isto, de fato, Mészáros propõe-se a três objetivos ambiciosos: rerepresentar a atualidade do socialismo como “alternativa radical” ao sistema capitalista; ir além da versão publicada da obra-prima incompleta de Marx (tentativa que, por outro lado, o próprio Lukács pretendia realizar); levar adiante o mesmo projeto marxista, como poderia ser concebido, hoje, em uma outra determinada fase histórica. Uma obra eminentemente dialética, resultado de dois projetos originalmente concebidos como autônomos: um estudo minucioso sobre a obra de Lukács, seu mestre, e uma renovação da teoria marxista, da transição ao socialismo, à luz dos atuais processos de “globalização”.

A teoria da transição de Mészáros é, em primeiro lugar, uma reavaliação crítica dos limites e do insucesso

das principais experiências socialistas do século XX. A sua reflexão se estrutura então no limite entre o balanço crítico dos fracassos passados e a síntese marxista para o novo século; como o “Anjo” de Benjamin¹, com o olhar voltado aos restos e às ruínas do passado, para perceber no momento presente, os espaços para o socialismo futuro. A análise se apóia na distinção entre o conceito de “capital” e o de “capitalismo”, em cuja base se insere uma teoria marxista da mudança social que, em muitos sentidos, recorda a “estrutura das revoluções científicas” elaborada por Thomas Kuhn no âmbito da história da ciência, ou seja, uma teoria capaz de contemplar, contemporaneamente, um modelo reprodutivo (ou acumulativo) e um “geológico” (ou revolucionário). A característica principal do capital é uma orientação à expansão econômica e à acumulação; o capital, em outros termos, deve sempre manter o mais alto nível possível de extração da mais-valia. Para este propósito, deve continuamente estender o seu modo de produção superando, através de diferentes formas de controle, os limites relativos com os quais é historicamente obrigado a se confrontar. O capital representa, portanto, uma categoria histórica dinâmica, e a força social a qual essa categoria corresponde, aparece muitos séculos antes da formação do capitalismo, na sua forma de capital “monetário”, mercantil”, etc. A grandeza de Marx – explica Mészáros – consiste na sua capacidade de perceber a especificidade histórica das várias formas de capital e das suas transições de uma forma à outra. O capitalismo, ao contrário, representa somente a forma mais recente do processo de produção do capital, aquela em que a produção para a troca torna-se totalmente difundida: o trabalho, como qualquer outra coisa, é tratado como uma mercadoria; a corrida ao lucro torna-se a principal força de regulação da produção; o mecanismo vital da extração da mais-valia, a

separação radical dos meios de produção dos produtores, assume uma forma inerentemente econômica; a extração econômica da mais-valia é particularmente apropriada pelos membros da classe capitalista. Desta maneira, seguindo o imperativo econômico do crescimento e da expansão, a produção do capital tende, na sua fase capitalista, a uma integração social por intermédio do mercado mundial e a um sistema totalmente independente do domínio político e subordinação econômica.

A limitação do socialismo soviético foi confundir o objetivo estratégico de “ir além do capital” (beyond capital) com o objetivo limitado de negar o capitalismo. A superação do sistema do capital não pode ser alcançada exclusivamente com o ato político da abolição do domínio jurídico do capitalista sobre o trabalho. Negando apenas politicamente a forma específica capitalista de propriedade privada com a “expropriação dos expropriadores” e a concomitante instituição da propriedade estatal, muitas das condições das interações do funcionamento social permaneceram inalteradas. Embora, aparentemente oposta, a experiência social-democrática também compartilha, segundo Mészáros, do mesmo erro estratégico. A falência histórica da social-democracia demonstra de fato que apenas as reformas possíveis no quadro do capital são as que podem ser assimiladas (integradas) e transformadas em vantagens produtivas no curso do processo de auto-expansão do capital. O sistema soviético e a social-democracia não conseguiram definitivamente quebrar o encantamento do “capital universal permanente”. Tanto a tentativa soviética “perestróica” de “reestruturar sem modificar a mesma estrutura”, como a da social-democrática de “reformular o capitalismo sem alterar a essência capitalista” se esgotaram com o total abandono das aspirações socialistas e o triunfo unila-

teral do neoliberalismo. Estas mesmas limitações se reproduziram também nas principais teorias marxistas do século XX.

A análise de Mészáros centra sua atenção em Lukács, particularmente, sobre *História e consciência de classe*, metáfora generativa de um marxismo que, segundo algumas intuições do próprio Mészáros, podia ser definido como trágico. A filosofia política de Lukács é, portanto, capaz de preencher este desequilíbrio entre estas duas alternativas que haviam se tornado cada vez mais inconciliáveis. Depois do sucesso da Revolução de Outubro, com a qual Lukács se identificava completamente, cortando os laços com a sua origem burguesa, a questão era como difundir a revolução no resto do mundo. A interrupção, nos países ocidentais, do ímpeto revolucionário do proletariado vem então a ser interpretada por Lukács como uma “crise ideológica” que deve ser, conseqüentemente, resolvida antes ainda da busca de uma solução positiva para a crise econômica, sendo preciso, em outros termos, transformar o proletariado “inconsciente” em um proletariado consciente do seu status de sujeito histórico. A “mudança estrutural” é deste modo postulada por Lukács como o resultado direto de uma mudança na consciência, do “trabalho da consciência sobre a consciência”. Na história da consciência de classe, o “sujeito-objeto” qualificado para desempenhar esta tarefa vem individualizado no partido leninista, “a mediação concreta entre o homem e a história”, o único capaz de escapar à reificação que domina a consciência de cada trabalhador, “a encarnação vivente e organizada da consciência de classe”. Assim sendo, a necessidade de transição desaparece do horizonte da transformação socialista. Em seu lugar coloca-se uma orientação centrada na política, que transfere o sujeito histórico do proletariado ao Partido. Logo, a perspectiva de Lukács repre-

senta segundo Mészáros, um quadro idealizado das possibilidades de vitória, “apesar de tudo”, do socialismo, no contexto de um “desenvolvimento bloqueado”. Portanto, não é por acaso que, na volta conclusiva da sua parábola intelectual, depois de ter perdido toda esperança na capacidade revolucionária do partido, um tempo significativamente descrito como “a ética do proletariado”, o filósofo húngaro tenha feito apelo diretamente à consciência moral individual, retomando assim os temas da juventude, anteriores a sua identificação com a causa socialista. A filosofia política de Lukács assume a forma do empenho ético. Desta maneira, como sublinha Mészáros, *der Zwiespalt von Sein und Sollen* (O Dilema entre Ser e Dever Ser) – que a partir da *Teoria do romance* constitui a principal preocupação do filósofo húngaro – *ist nicht aufgehoben* (não é transcendido). Na ausência das condições objetivas requeridas, a idéia de uma totalização consciente dos processos sociais conflitantes, na direção de uma radical transformação socialista, pode exprimir-se apenas como um *Prinzip Hoffnung*, um postulado moral que se deve ter pela vida, para o futuro, na esperança de condições históricas mais favoráveis. O limite fundamental da visão lukácsiana consiste, então, em uma sobrevalorização da crise do sistema do capital. Para Lukács, o sucesso da Revolução russa representava de fato o símbolo mais evidente do fim do ímpeto propulsor do sistema do capital, que abria inexoravelmente a estrada ao seu declínio. O capital havia, afinal, exaurido a sua tarefa civilizadora. Mészáros aponta, ao contrário, como as crises do início do século XX têm indicado os estágios finais da “transição do capital da totalidade extensiva à totalidade intensiva”: se o capital havia já nos tempos de Marx conquistado a “totalidade” do planeta e não restava nenhum território para submeter à lei do capital, o grau de penetração do sistema do

capital nestes territórios – isto é a intensificação da exploração e do alargamento da sua lógica expansiva – estava bem longe de ter alcançado os seus limites absolutos, conseguindo então “retardar marcadamente o tempo da sua saturação”. Este cenário mudou com o advento da globalização. Segundo Mészáros, as novidades que a partir dos anos 70 do século XX se abriram sobre o capitalismo mundial parecem recolocar em discussão a base material do utopismo ético, restituindo assim todas as “historicamente superadas” teorias e estratégias políticas marxistas concebidas na órbita da Revolução russa. Mészáros usa como recurso neste caso a noção de taxa decrescente de utilização, ou seja, a progressiva redução do tempo de vida dos bens e serviços produzidos, uma lei tendencial que garantiu o crescimento exponencial do capital no curso do seu desenvolvimento histórico. Esta taxa decrescente influencia negativamente as três principais dimensões da produção e do consumo capitalista, o setor dos bens e serviços, o capital fixo e a força-trabalho. Através da exploração das duas primeiras dimensões, com a multiplicação (e, portanto o desperdício) dos bens e serviços e a aceleração da taxa de amortização das instalações e das maquinarias, o capital tem conseguido historicamente manter latentes os efeitos negativos da taxa decrescente de utilização sobre a terceira e mais importante dimensão, aquela que atingiu o trabalho como “sujeito vivente” do processo de trabalho. No curso do século XIX, isto foi garantido através da criação de uma taxa diferencial de exploração entre centros metropolitanos e periferias subdesenvolvidas, graças a qual o capital conseguiu garantir privilégios relativos aos trabalhadores dos centros metropolitanos, produzindo assim “a ilusão de uma ‘integração’ permanente do trabalho”, típica das várias formas de Bem-Estar Social. O advento da globalização aponta, sobre este ponto de vista,

para uma inversão de rota, que se manifesta principalmente através de uma “crescente igualdade das taxas diferenciadas de exploração”. O capital, em outros termos, exauriu a sua capacidade expansiva. A globalização aponta assim para o ingresso na “crise estrutural do sistema do capital”.

O advento da crise estrutural transforma os horizontes da estratégia socialista. Mészáros explicou esta mudança de fase em um importante ensaio sobre Rosa Luxemburgo publicado em um volume do final dos anos oitenta, *O Poder da Ideologia*, através de uma fórmula aparentemente paradoxal: “Rosa Luxemburgo estava certa em estar errada e Lênin estava errado em estar certo”². Isto também – ele explica – é um pensamento trágico de Luxemburgo; diferentemente de Lukács, porém, a sua tragédia consiste em “ter chegado muito cedo” e de suportar as conseqüências de estar muito à frente em relação ao seu tempo. Luxemburgo se propunha a trazer à luz o espírito marxista original da Primeira Internacional, quando, por exemplo, no curso dos movimentos revolucionários desencadeados na Alemanha, naqueles anos, demarcava com força, à frente da imposição essencialmente política dessas tentativas revolucionárias, a necessidade de superar este caráter infantil da revolução, focalizando, ao contrário, a atenção sobre o alcance decisivo da revolução econômica e social. “A sua tragédia – escreve Mészáros – consistia no fato de que, nas circunstâncias históricas predominantes, apesar da clareza da sua visão, o tipo de ação que no curso da sua vida havia promovido de um modo exemplar, não poderia ter sucesso”, testemunhando uma colisão trágica entre um postulado historicamente necessário e a impossibilidade prática de executar concretamente este postulado. Portanto, em perspectiva, a diferença principal do marxismo de Luxemburgo com o de Lênin – para quem o

princípio organizativo era, ao contrário, centrado sobre a ação política (centralismo democrático) – consistia nas limitações objetivas dos respectivos países no quadro mais geral do capital global.

Para Lênin, de fato, a questão crucial era como conquistar e manter o controle do poder político estatal, como veículo da transformação socialista, em um país extremamente retraído, esperando, com confiança, a vitória da revolução socialista em “ao menos um dos países avançados”, no futuro próximo. O seu mérito principal consiste, portanto, segundo Mészáros, na insuperada capacidade de colher as possibilidades práticas imediatas sobre a base daquelas especificidades históricas e sociais.

Portanto, no seu conjunto, a teoria da transição de Mészáros, mais que uma verdadeira e própria nova fundação do marxismo, se configura, antes, como um retorno a Marx – como se a queda do modelo soviético tivesse trazido consigo, entre os próprios escombros, até aquela anomalia histórica representada pelo marxismo “trágico”, que fez emergir também os seus limites, através do recurso à figura da “crise estrutural do sistema do capital”, reproduzindo um modelo teórico que, de Marx em diante, oprimiu grande parte do pensamento marxista, constringido sempre a descrever o presente como a fase suprema do capitalismo, para depois reconhecer, *a posteriori*, frente à evidência da renovada vitalidade do sistema do capital, que na realidade se tratava somente de um estágio ainda prematuro. Por outro lado, ele conclui ainda uma vez mais para reproduzir um dos limites históricos que ele justamente criticava em Lukács: a sobrevalorização da crise do sistema. O cenário da crise estrutural do capital não implica para ele nenhuma certeza acerca do sucesso da transição ao socialismo, mas somente a sua *possibilidade* no contexto de uma sua sempre maior *necessidade*, sob pena do risco da autodestruição da humanidade inteira. Se em

seguida Mészáros individualiza os limites do marxismo de Lukács, despedindo-se assim definitivamente do mestre, ele não consegue, todavia, elaborar uma solução diversa que supere esses limites. Apesar de sublinhar a inconsistência da solução proposta pelo autor de *História e consciência de classe*, Mészáros não consegue de fato individualizar uma forma mais concreta de mediação, limitando-se a recordar que, na base do projeto originário marxista, o sujeito histórico deve configurar-se como movimento de massa autônomo e consciente. Deste ponto de vista, se por um lado a forma-partido e as instituições parlamentares e sindicais caminham em direção a um profundo estado de crise, já transformados em obstáculo à criação de uma consciência revolucionária, de outro, a constituição de um movimento de massa extra-parlamentar, como reconhece o próprio Mészáros, está bem longe de destacar-se no horizonte. Existem formas de protesto difusas e diversificadas que permanecem, porém, no estado atual, fragmentárias e ocasionais. O apelo ao movimento de massa que deve levar adiante a transição ao socialismo se transforma, assim, também no caso de Mészáros, no *Prinzip Hoffnung*. Esta capacidade própria, porém, de trazer à luz os limites do marxismo dos noventa, sem conseguir superá-lo plenamente, faz de Mészáros um autor do nosso tempo. De fato, como também, *der Zwiespalt von Sein und Sollen ist nicht aufgehoben*.

Notas

¹ Referência à interpretação de Walter Benjamin do quadro de Paul Klee, *Angelus Novus* (N. T.).

² *The Meaning of Rosa Luxemburg's Tragedy*, in *The Power of Ideology*, Brighton, Harvester Wheatsheaf, 1989, pp. 313-337.

Artigo traduzido por Ana Carolina Eiras
Coelho Soares, historiadora.

* Filósofo, Universidade de Torino e de Nice-Sophia Antipolis